

elas se perdem um pouco não fique triste se algo mudar.

Victoria Aparecida Machado Silva

A Casa Tombada  
FACONNECT - Faculdades Conectadas

PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU  
GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICA DE RISCO

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado à A Casa Tombada,  
como parte dos requisitos  
exigidos para obtenção do título  
especialista em Pós-Graduação  
Lato Sensu - Gestos de Escrita  
como Prática de Risco, sob  
orientação de Ângela Castelo  
Branco e João Paulo Ferreira  
Silva.

Cuiabá-MT  
2025

*À J., R. e S.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Ângela e à João, pelo olhar sensível sobre minha escrita, e à A Casa Tombada, onde nasceu esse gesto que partilho.

## RESUMO

aqui, uma memória. ou algo parecido. um trabalho de memória mas não, não foi bem assim, e eu sei. uma resposta, de memória. a cabeça perguntando lembra disso e o texto dizendo lembrei de você. e sim, assim. num gesto de escrita solto e confuso, um reflexo da memória, talvez.

PALAVRAS-CHAVE: gesto; escrita; memória; texto; algo.

## OS PORQUÊS

sempre acho difícil quando me pedem para falar sobre mim. a cabeça fica vazia e o que sai faz pouco sentido. sinto o mesmo quando tento falar sobre o que escrevo. talvez porque não penso tanto sobre nenhum dos dois. e então, o que sai faz pouco sentido, mas acho que assim é mais sincero.

sincero foi uma palavra que ficou depois de um plantão em que discutia uma versão deste trabalho com Ângela<sup>1</sup> e João<sup>2</sup>. surgiu numa resposta rápida, genuína, com um tom de certeza que assusta um pouco.

sim, dá pra ver quando não é sincero, acho que foi o que eu disse. e dá mesmo. e dá pra sentir quando falta algo, saber que não, ainda não é isso. uma intuição bem esquisita mas que sigo. e fui aprendendo neste processo que os textos, os pontos, as vírgulas, vão se encaixando e cada um tem o seu tempo.

e o seu jeito e o seu sobre o quê e não me preocupo em saber. em não saber. e não sei mesmo, em muitos momentos, sobre o que exatamente estou falando. sinto o que me fazem sentir e abraço para onde e para quem me levam. e gosto desse algo que acontece no coração durante a escrita. então, talvez, escrevo por isso.

---

<sup>1</sup> Profa. Dra. Ângela Castelo Branco, coordenadora da pós-graduação Gestos de Escrita.

<sup>2</sup> Prof. Ms. João Paulo Ferreira, assistente de coordenação da pós-graduação Gestos de Escrita.

## O PROCESSO

acontece de forma simples. e começa numa imagem, na lembrança de algo pequeno. uma flor, muitas vezes. tive uma avó com nome de flor e outra que as plantava pelo quintal. e as vi pouco, é o que sinto hoje, não com tristeza, mas outro desses sentimentos que fazem doer de levinho o coração.

começa com uma imagem que me leva a um alguém, ou a mais de um, e eles, ou melhor, elas, vão se juntando ali, na memória. elas, porque éramos tantas que às vezes faltava espaço na escada e nas risadas, misturadas, parecidas. aliás, sempre ouvi isso, você parece com..., ou, é igualzinha à... é verdade, e acho graça e me lembro delas não em detalhes mas com um afeto muito preciso.

e quase sempre lá, no lugar onde nasci e que a cabeça gosta tanto de visitar. acho que porque lá ia longe na imaginação e alto nos galhos das árvores, essas, nessa variedade difícil de colocar no papel. e digo quase sempre porque vez ou outra algo se escreve aqui, onde estou agora. vez ou outra e cada vez mais, fico com essa impressão.

e acontece de forma simples. uma imagem e um alguém e um lugar que vão se escrevendo, livres de razão. em vermelho. porque gosto de escrever com caneta vermelha. acho lindo. e achei lindo digitar nessa cor. e agora temos em casa uma roseira vermelha. rosa menina. e nesse momento em que escrevo são cinco abertas, já naquele ponto da vida das pétalas saírem do caule.

os textos

a cozinha repetia os sons dos chinelos nos fundos da casa e dos rasgos profundos um atrás do outro. um resmungo baixinho uma impaciência direcionada o bolo no prato não parece fresco. um resmungo baixinho. às vezes era tão grosseira, tão grosseira arrancando todo o mato escorado na parede sem se importar. o cheiro úmido é bom mas não diz em voz alta por causa do buquê estendido no chão. erva de touro e algodão de preá. grita por um saco de lixo uma sacola serve para que se importar tanto vão sempre nascer de novo e desvia o olhar.

tinha os dedos bonitos as unhas compridas.  
o cigarro o dono da casa. falava pouco  
nunca o suficiente para um laço. sentia  
agora depois de crescida que com isso quem  
perdia era eu mas era essa a genética da  
garganta nossa. uma malha cobria o sofá e  
esquentava o vento atravessando a sala a  
rua entrava pela porta aberta quase íntima  
de tão serena, silenciosa. quase íntima.

eram como as da fotografia. me entregou para que eu guardasse para termos perto aquela que está lá onde deixamos de ir. três. roxinhas roxinhas roxinhas. estão ali prensadas há uns dias eu me lembrei e avisei que elas se perdem um pouco não fique triste se algo mudar.

a caixinha no armário vez ou outra abre um e outro emoldura os dois lados do rosto com sorrisos e o vestido florido sobra um pouco mas é de uma estampa tão viva e sai para passear de vez em quando uma florzinha laranja passa por ali.

ali com a barriga apoiada na pia ouvia é... é a vida. a mão largada na água gelada, a noite, coisa rara, também assim. achou melhor não virar. a fala trazia dois olhos inchados que fugiriam dos seus dizendo não é por isso seria bobagem sempre soubemos que a vida é assim não é por isso e então chegou aos ouvidos o som do nariz assoado no pano de prato limpinho e o seu também quis o mesmo mas escorreu em silêncio. é... é a vida e embaçava a cidade que, sem saber, seguia igualzinha, igualzinha.

tão cedo, escuro ainda e lá estava. varria as folhas caídas sem pressa nenhuma. a casa gostava e ela também e muito do som seco de lá para cá. um vento gelado antes do sol o peito mais leve encheu os pulmões. suspirou. um segredo entre ela e o céu e sumiu porta adentro.

ali tudo era vidro, prateleira e balcão. ia sempre e voltava com uma sacolinha de papel cheia que cabia certinho na palma da mão. a cabeça ali na balinha de côco e pressa pra chegar no portão. o cachorro sempre ao lado também já sabia o caminho de cor e salteado e corriam juntos, feito vento. até que fugiu o tempo.

sempre foram assim, geladas, disse sobre as mãos e o olhar despreocupou e relaxou a pressão que fazia sobre seus dedos. então, a frase, e sim, teve tempo para lembrar de algo e deitar na maca já decidida, mas ent~~~~ao, a frase pense em coisas felizes e a cabeça num vazio delicioso continuou e entrou nesse sono induzido sem sonhos. ela é a sua cara. e ali nasce um sorriso que sabe que sim e uma se apoia na outra na volta para casa.

melão de são caetano, ficou sabendo do nome  
esses dias e ainda deve enfeitar a cerca de  
mato alto ali esquecida na estrada de chão  
a flor amarelinha que morria de vontade mas  
nunca, nunca arrancou. pegue só as que já  
estão caídas, ouvia, e corria para a casa  
sentindo murchinha o vento entre os dedos.

com a luz se levantou um pouco curvada. caminhava ligeiro. ali distante a voz não chegou mas as mãos se mexiam depressa tirando o sossego dos olhos e agitavam o peito as bochechas, cheinhas dos aplausos que agora recebia. sussurraram o que tinha dito, serena e pronta, e como mantinha naquele momento secos os cílios? mas não consegui perguntar.

tinha no olhar uma ternura, como a outra que lhe disse no acolhimento você vai ficar boa e a vontade de chorar foi imensa mas os olhos seguiam discretos e os dedos rasgando os cantos das unhas você vai ficar boa a cabeça repetia e descia a rua depressa, a palma molhada enrugando o papel que trazia na mão. era esse o caminho que juntas faziam e passavam embaixo dos galhos floridos e já ia esquecendo, lhe disse na porta para lembrar de passar porque acaba tão rápido.

os fios da cadeira já fundos nas costas, a sombra dos galhos na pele das pálpebras. vez ou outra uma batida de asas aqui e ali e, recém-caído, descansa inteiro no colo um cacho cheio de flor de manga. ririam disso e daquilo mais tarde, as palavras saídas, coradas no alto do rosto e de noite em outro tempo, o farelo da massa caseira quentinha polvilhando o cimento e as meias e escondendo entre os dentes o sono encheram de manteiga mais uma e mais outra fatia.

a casa tinha o muro colorido na cor que mais gostava mas sempre tão fechada enfeitava a varanda de um jeito bonito e gostava como o vento girava entre os galhos cada bolinha e todas ressecadas. sabia que se pedisse uma delas ganharia mas foi de surpresa e até hoje não mudaram nadinha do mel da balinha que quando vinha fazia questão de trazer.

naquela hora, abria as janelas. depois um passeio pelo quintal numa seriedade que veio cedo no dia. a voz firme dizia nasceu por acaso e agora passava da altura dos olhos espreguiçando os galhos bem devagar e sentava na ponta da escada, a casca da laranja deslizando pela faca já quase encostava no começo do chinelo. as daqui tem um gosto diferente repetia e de novo um caroço no canto da boca.

foi dito tão de repente e aquela certeza aguda na voz fez com que arregalasse os olhos no instante e guardou um pouco a respiração. andava esquecida. e os braços cruzaram nessa inquietação que é linda, linda, voltou de novo aos ouvidos.

embaixo da janela uma teia fininha e ali batiam presos os cílios e o ponteiro do relógio da cozinha já longe no tempo e alto o coração repetia o prédio que nascia serrando logo cedo o sono das orelhas. mal descia na garganta o café de tão amarga. nenhuma palavra. e esse costume que tínhamos de pouco encontrar os olhos.

abraçava a bacia cheia, o rosto brilhando nas jabuticabas e sempre esquecia embaixo do sol o topo da cabeça hoje num cinza bonito dizia o olhar alto no céu e na boca explodia doce um sorriso e já era velhinho o sapato que trazia no pé a estrada. sabia que o cachorro ia cheirar a terra que tinha deixado o desenho da sola na entrada e cantava fraquinho pedindo desculpas. depois voava com o dia.

passava por tanto a cabeça e doía. levou as  
mãos longe nas costas e uma tristeza  
difícil escorreu numa paz que ainda não  
conhecia. ficaram juntinhos os cantos dos  
olhos e a lembrança corria descalça no piso  
de pedra o riso tão alto que ouvia lá fora  
a noite avisando que vinha e teimava hoje  
ali mais um pouco.

guardamos um abraço apertado embaixo do pé de acerola, quase iguais de tão próximas naquilo que os olhos diziam. agora sorri com um cuidado sem motivo e eu também presa em algo parecido e desfiava a cortina da sala o tempo pausado das falas, da outra a voz sempre trazia um pouco e descobri esses dias.

ciscavam o asfalto num passo inquieto e curta a respiração pesava sobre o coração ali paciente. agitava as asas a outra mostrando a flor seca no bico curvado e engoliu ligeiro o susto da imagem da cabeça na tela da sala gelada a ponta dos dedos nas costas das mãos e pousou uma pena na frente dos olhos.

olhava aquilo tudo já um pouco distante,  
quase tranquila e naquele dia não estranhou  
a lentidão que vivia. a formiga passou da  
parede ao ombro e desceu até o braço da  
cadeira, numa pressa levinha, mal acordou a  
pele. atrás do balcão de novo o dedo  
indicando um assento vazio e longe o som  
calmo repetia e repetia. um nome e outro. e  
um pode vir por aqui depois do sorriso.

elas não são de subir nessa altura mas entrou pela janela, fechou as asas num desenho bonito e parou o que dizíamos na hora e percebi que tinha relaxado as sobrancelhas, sérias, não porque algo preocupava naquele começo de noite, só se esquecia assim, nesse movimento pequeno, e num reflexo repeti o modo delicado com que se abriu de novo o cenho e riu o olhar, maravilhado.

a sentia hoje com um peso diferente mas viva era a cor que dizia chegou a pouco ali no cimento rachado de fora a fora. o sol nessa época resseca ligeiro a transparência das pétalas e era pequena, sobrava no meio da mão que tremia. estão assim agora, tranquilizava, mas por causa disso deu uma pausa no esmalte nas unhas. gostou que a flor lembrava o vidrinho já pela metade no seu tom de rosa e pediu para que abrisse naquele momento a saudade. três camadas já está bom e depois de pronta até os pés o olhar não queria focar outra coisa.

## O MOMENTO

se deixa saber. num pensamento que diz acho que é isso.  
hoje pela manhã, ao reler este trabalho pensei acho que é isso  
e depois senti nos cantos da boca uma serenidade já saudosa e  
soube que sim.

Cuiabá, 20/08/2025